

A crítica que Wittgenstein realiza à noção de essência desestrutura a determinação de definições unívocas?

Does Wittgenstein's critique of the notion of essence
disrupts the determination of unambiguous definitions?

Laina Jéssica de Almeida Brambatti

Universidade de Caxias do Sul

ljabramb@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2184779693064624>

Resumo

Este estudo visa compreender sob que aspectos a crítica que Wittgenstein realiza à noção de essência desestrutura a determinação de definições unívocas. A questão norteadora desta pesquisa se põe da seguinte forma: Quais as consequências da destituição do conceito de “essência”, destituição proposta nas *Investigações Filosóficas*, e sua substituição pelas “semelhanças de família”, para os fundamentos da filosofia? Neste contexto, uma análise da linguagem é tomada como fundamental na consideração dos problemas filosóficos, visto que tais problemas são indicados como resultantes de um uso inadequado da linguagem. Para tanto, é realizada uma análise breve do *Tratado Lógico-Filosófico* de modo auxiliar na compreensão do conteúdo presente nas *Investigações Filosóficas*. A noção de semelhanças de família são fruto de uma tentativa de visão panorâmica do funcionamento da linguagem. O que torna o conhecimento sólido, neste caso, é a união entrelaçada de diversos fatores, que se aproximam por semelhanças de conjunto e pormenor. Todavia, não há uma característica que perpassasse todos os membros de uma determinada classe. Sendo assim, o que habilita a indicação dos problemas filosóficos como não possuidores de sentido seria principalmente o distanciamento destes em relação ao contexto e a forma de uso onde a linguagem acontece.

Palavras-chave

Essência; Definição; Semelhanças de Família; Jogos de Linguagem.

Abstract

This study aims to understand in which ways the criticism that Wittgenstein does to the notion of essence disrupts the determination of unambiguous definitions. The main question of this research sets as follows: What the concept of removal of consequences of "essence", impeachment proposal in *Philosophical Investigations*, to the fundamentals of philosophy? In this context, an analysis of language is taken as fundamental in the consideration of philosophical problems, As these problems are reported as resulting from an inappropriate use of language. Therefore, it is held a brief analysis of *Tractatus Logico-Philosophicus* so assist in the understanding of this content in *Philosophical Investigations*. The notion of family resemblances are the result of an attempt to overview the functioning of language. What makes the sound knowledge in this case is the union of several intertwined factors, approaching from set and detailed similarities. However, there is a feature that pervades all members of a given class. Thus, enabling the display of philosophical problems as no sense possessors would be mainly the distance of these in relation to the context and how to use where language happens.

Keywords

Essence; Definition; Family resemblance; Language Games.

1. Introdução

Considerando a noção “semelhanças de família” de Wittgenstein, apresentada nas *Investigações Filosóficas* (IF) e sua crítica ao conceito de essência sustentado pela tradição filosófica, este estudo visa compreender sob que aspectos a crítica que Wittgenstein realiza à noção de essência desestrutura a determinação de definições unívocas. Tal tarefa será realizada principalmente por meio da análise dos termos “essência”, “definição”, “jogos de linguagem” e “semelhanças de família”.

A tarefa do filósofo, tradicionalmente, está associada ao processo de desvelamento das verdades essenciais. Assim, tais teorias habilitaram a definição da forma ideal da realidade e justificaram a precisão de conceitos universalmente válidos ou de definições unívocas. A partir desse movimento, a lógica adquire relevância elementar no desenvolvimento do pensamento filosófico que considerou confiável o caráter científico sustentado pela solidez dos fundamentos de coerência da lógica formal. A lógica formal possui entre suas principais vertentes a crença na isomorfia entre linguagem e realidade. Na concepção da filosofia e da lógica tradicional o pensamento conhece a realidade e a identifica com a linguagem. O resultado dessa concepção é a tese de que há um mundo abstrato, ideal, universal, acessado pela razão e organizado logicamente se contrapondo a um mundo corporal, sensível, variável, ligado à *práxis* humana e ao uso da linguagem em contextos cotidianos do senso comum, ou seja, não filosóficos. O *Tratado Lógico Filosófico* (TLP) de Wittgenstein é um exemplo da relevância atribuída à existência de uma estrutura lógica essencial subjacente tanto ao mundo quanto à linguagem. Porém, Wittgenstein é o representante tanto da visão tradicional quanto da vertente que critica esta mesma visão tradicional, como pode ser visto em suas *Investigações Filosóficas*.

Assim, mostra-se relevante esclarecer a relação entre a o papel da linguagem no pensamento e os problemas da filosofia. O problema apresentado por Wittgenstein gira em torno do questionamento acerca do sentido da linguagem que, segundo o autor, esteve intimamente associado à crença em um conteúdo essencial não linguístico. O objetivo que se toma como norte desse artigo é investigar quais as consequências da crítica que Wittgenstein faz a si mesmo e à tradição filosófica? Para esclarecer tal questionamento, faz-se a análise do *Tratado Lógico-Filosófico* e das *Investigações Filosóficas*. O TLP será abordado apenas na medida em que é necessário para uma compreensão mais adequada e coerente das IF, seja no entendimento da crítica à lógica, seja para compreender a crítica à tradição filosófica. Das IF toma-se principalmente a primeira parte, compreendida dos parágrafos 1 até 693, dada a sua relevância aos propósitos desse artigo.

2. A filosofia da linguagem de Wittgenstein

A filosofia da linguagem, primeiramente debruçada em pesquisas de cunho analítico e lógico e posteriormente considerando a linguagem do cotidiano, ressalta o caráter problemático do sistema filosófico tradicional. Assim, a linguagem assume uma posição que outrora lhe fora negada e passa a ser considerada parte do processo de conhecimento. A ignorância de tal posição da linguagem, segundo Wittgenstein, foi a responsável, na história da filosofia, pelo equívoco na criação de frágeis “castelos de areia” como se fossem de estrutura inabalável.

Em 1929, Wittgenstein doutorou-se juntamente com Russel e Moore; o TLP foi apresentado como sua tese de doutorado. Todavia, o TLP já havia sido publicado em 1922, única obra publicada em vida. Sua segunda grande obra foi publicada em 1953, sob o título de *Investigações Filosóficas*. Suas obras estão ligadas ora ao empirismo lógico, com o TLP, ora à filosofia da linguagem ordinária, com as IF. Embora o próprio Wittgenstein indique as diferenças que caracterizam a mudança de pensamento entre as duas obras, ambas mantêm uma linha tênue que as conecta: sua concepção acerca da filosofia. Nas duas obras cabe à filosofia dissolver problemas causados por um mau uso da linguagem. Todavia, a abordagem filosófica responsável

pela dissolução de problemas se distingue de uma obra para outra. Nesta distinção reside o fundamento da crítica realizada nas IF ao TLP e, por esse motivo, há que se conhecer o TLP para compreender as IF, como recomenda o próprio autor:

Há quatro anos tive ocasião de voltar a ler o meu primeiro livro (o *Tratado Lógico-Filosófico*) e de explicar as suas teses. De súbito, pareceu-me então que devia publicar conjuntamente a minha velha com a minha nova maneira de pensar: que esta [IF] só podia ser verdadeiramente iluminada pelo contraste e contra o campo de fundo daquela [TLP] (Wittgenstein, 2002b, p. 166).

A filosofia da linguagem surgiu inicialmente como análise lógica da linguagem e, em um sentido distinto, como filosofia da linguagem cotidiana. A análise lógica da linguagem foi fundamentada, em seu princípio, por pensadores como Frege, Wittgenstein (TLP), Moore, Carnap, Schlick, dentre outros. Por outro lado, desenvolveu-se a chamada *Filosofia da linguagem ordinária*, com Austin, Ayer, Wisdon (Escola de Oxford), o autor das IF, Grice, dentre outros. Para ambas, os problemas filosóficos, em sua maior parte, são oriundos de mal-entendidos e ambiguidades geradas por um uso inadequado da linguagem.

A corrente lógica criticou questões metafísicas buscando chegar a um patamar que explicasse o mundo de forma unívoca. A preocupação central foi a fundamentação da ciência e a eliminação das obscuridades da linguagem cotidiana. Para tanto, era necessário o desenvolvimento ou o aprimoramento da notação lógica. Posteriormente, a vertente da linguagem ordinária pretendeu desenvolver um método filosófico que, fundamentado pela análise e crítica, pudesse resolver problemas filosóficos partindo da linguagem ordinária, do uso comum, por meio da observação de como a linguagem se dá no cotidiano, como ela, na realidade, é usada.

O surgimento da corrente denominada *filosofia da linguagem* marca o momento na história da filosofia onde se passa a compreender a análise da linguagem como uma tarefa indispensável para a compreensão do processo do conhecimento e de suma importância para a fundamentação de teorias da ciência e filosofia. Pode-se dizer que a filosofia da linguagem surge dotada de complexidade e causando mudanças significativas na forma de se fazer filosofia. Desse modo, a filosofia da linguagem tem seu início e “apesar das diferenças teóricas entre eles, pode ser considerada, em grande parte, como uma reação à filosofia transcendental de origem Kantiana, sobretudo no que diz respeito à fundamentação da ciência” (Marcondes, 1989, p. 11).

Em uma visão geral, pode-se dizer que, para os teóricos que se mantêm na linha da semântica clássica, os princípios básicos são: a) a crença em uma linguagem científica unívoca; b) a filosofia concebida como um método de elucidação das proposições; c) a criação de um simbolismo lógico para possuir objetividade e d) a ênfase na linguagem clara e objetiva, que se torna indispensável para tratar problemas filosoficamente. Neste contexto, os questionamentos metafísicos são referidos como sem sentido ou não verificáveis.

A ideia é expressar em um simbolismo apropriado aquilo que na linguagem ordinária gera infindáveis mal-entendidos. Isto é, nos casos em que a linguagem ordinária oculta a estrutura lógica, em que permite a formação de pseudo-proposições, em que usa um termo em uma infinidade de significados diferentes; devemos substituí-la por um simbolismo que dê uma imagem clara da estrutura lógica, exclua as pseudoproposições e empregue os termos sem ambiguidade (Hacker *apud* Marcondes, 1989, p. 31).

É justamente este propósito de elucidação filosófica que Wittgenstein apresenta em seu TLP e, apesar de posteriormente realizar mudanças relevantes em sua teoria, destina na sua obra

posterior, as IF, semelhante papel à filosofia: realizar uma terapia da linguagem a fim de evitar usos equivocados da mesma.

2.1 Do Tratado Lógico-Filosófico às Investigações Filosóficas

Wittgenstein, em seu TLP, ao buscar estabelecer critérios fundamentais para a aplicação mais adequada da linguagem e procurando identificar uma estrutura essencial, pode ser considerado o ápice da perspectiva clássica da lógica, especialmente por sistematizar a já tradicional relação entre linguagem e mundo. O autor do TLP se destacou por contribuir, de modo inovador, com um método apurado de qualificação lógica. Em sua primeira fase, “a lógica é condição de sentido, [...] A lógica baseada em uma teoria das funções não proporciona uma linguagem ideal, mas sim uma notação ideal que traz à luz a ordem lógica que subjaz a toda representação simbólica” (Glock, 1998, p. 28). Ou seja, apesar de ser ideal, a notação lógica indica o fundamento do mundo real. Há a concepção da realidade com uma divisão importante: de um lado, coisas das quais não há o que se possa dizer com sentido; de outro, fatos sobre os quais poderíamos falar e entender. Assim, “o que é de todo exprimível, é exprimível claramente; e aquilo de que não se pode falar, guarda-se em silêncio” (Wittgenstein, 2002a, p. 27).

A linguagem natural e imperfeita deveria ser depurada até o ideal de uma linguagem perfeita capaz de exprimir o mundo sem ambiguidades e capaz de corresponder estruturalmente ao mundo, tal qual um espelhamento. A linguagem utilizada no cotidiano “mascara o pensamento. E tanto assim que da forma exterior da roupa não se pode deduzir a forma do pensamento mascarado; porque a forma exterior da roupa é concebida, não para deixar reconhecer a forma do corpo, mas para fins inteiramente diferentes” (Wittgenstein, 2002a, p. 52). O TLP busca responder como a linguagem pode exprimir o mundo e quais os limites dessa possível expressão. Neste contexto, a linguagem é caracterizada como a totalidade das proposições possíveis. A veracidade de uma proposição está ligada à realidade, que se dá na subsistência do estado de coisas. Uma proposição é verdadeira se o que ela afirma equivale ao que ocorre de fato. Todavia, para tanto, é necessário que se convençionem nomes específicos para cada objeto e regras claras para a aplicação que permite designar estados de coisas existentes.

É importante salientar que designar uma coisa difere de explicar o que é tal coisa; os nomes só podem se referir ao modo como se mostram os objetos. Dessa forma: “A proposição é uma imagem da realidade. A proposição é um modelo da realidade tal como nós a pensamos” (Wittgenstein, 2002a, p. 53). Uma proposição verdadeira é aquela que equivale a um estado de coisas e os estados de coisas possíveis compõem os fatos que, por sua vez, compõem o mundo. Entretanto, como saber se a imagem que é a afiguração da linguagem corresponde aos fatos verdadeiramente? Segundo o TLP, “Na imagem tem que haver algo de idêntico ao que é representado pictorialmente, para uma poder de todo ser a imagem do outro” (Wittgenstein, 2002a, p. 36). Existe, em cada estado de coisas possíveis, uma forma lógica assim como, em cada proposição atômica, existe uma forma lógica. A verdade é o resultado da equivalência destas formas lógicas. Assim, a forma lógica adquire papel fundamental na atribuição de verdade à proposição.

O autor do TLP conclui que o que há de comum entre linguagem e mundo é a forma lógica, compartilhada por ambos: “Representar algo que contradiga a Lógica na linguagem, pode-se tão pouco, como representar na Geometria, através das suas coordenadas, uma figura que contradiga as leis do espaço; ou indicar as coordenadas de um ponto que não existe” (Wittgenstein, 2002a, p. 39). Portanto, a realidade é dividida entre coisas das quais se pode falar e coisas das quais não se pode falar com sentido. Existem coisas que não podem ser expressas com sentido pela linguagem, pois não apresentam conteúdo descritivo. Sendo assim, a linguagem, nesta perspectiva, além de estar vinculada à forma lógica para dizer algo, é uma

ferramenta na busca por dizer o que se pode dizer, “o método correto da filosofia seria o seguinte: só dizer o que pode ser dito” (Wittgenstein, 2002a, p. 141).

Entretanto, se concordarmos com o que o próprio autor sustentou em seus argumentos, o TLP nada mais é que uma metalinguagem. Assim sendo, tal obra é um exemplo de impossibilidade da linguagem e consequentemente da filosofia. As proposições do TLP conduzem o leitor a perceber os limites da linguagem e do mundo, por meio de afirmações que o próprio autor julga que não devem ser usadas: “A noção de forma geral da proposição é um dogmatismo que se origina no anseio por alcançar um ponto de vista externo à execução linguística” (Hebeche, 2003, p. 03).

Como afirmar a existência de uma estrutura compartilhada entre realidade e linguagem sobre a qual não se deve falar, falando justamente sobre ela? O que permite a diferenciação entre o que pode ser dito e o que não é passível de expressão é a noção de que todas as proposições que falam de metalinguagem, metafísica, epistemologia etc. não podem ser expressas com sentido, coisa que o próprio Wittgenstein faz no TLP, daí a obra ser posteriormente considerada um contrassenso pelo autor.

É possível falar sobre os fatos e fatos são expressos por proposições. Porém, proposição alguma contém o fato, a ela só cabe a forma. Buscar a explicitação do que é o fato em si é o mesmo que buscar extrapolar o limite do mundo. Visto que só o que é compreendido na forma lógica pode afigurar um fato e que só proposições com sentido podem descrever a realidade, logo o mundo é limitado e se mostra na linguagem, que também é limitada: “Os limites da minha linguagem significa os limites do meu mundo” (Wittgenstein, 2002a, p. 114). O que se pode fazer é descrever, o sentido se mostra, confirmando ou não a equivalência com a realidade.

Um dos principais fatores que distinguem as duas fases do pensamento de Wittgenstein é sua noção acerca de como a linguagem se aproxima do processo de conhecimento. No TLP, a linguagem compartilha a estrutura lógica com o mundo e isto confere a possibilidade de refletir o que é a realidade proposicionalmente.

A “experiência” de que precisamos para compreender a Lógica não é a de que algo se passa desta e daquela maneira, mas a de que algo *é*: mas isto *não* é uma experiência. A Lógica está *antes* de qualquer experiência de que algo *é assim*. Está antes do como, não antes do que (Wittgenstein, 2002a, p. 112).

As IF apresentam ao leitor uma forma de escrita condizente com seu conteúdo crítico. Nela, Wittgenstein fornece indícios de que está fugindo de uma esquematização formal de ideias. Tal organização é comparada, pelo autor, a “esboços paisagísticos surgidos ao longo destas enredadas e longas viagens” (Wittgenstein, 2002b, p. 166). Ele salienta que uma estrutura lógica e claramente determinada não se aplica à prática na qual as proposições da linguagem estão inseridas e que devido a isso a filosofia pautada nos critérios de rigor lógico, de modo geral, estava apenas criando labirintos metafísicos. A análise da linguagem deve partir do contexto em que a linguagem se manifesta como forma de vida.

Esta mudança no pensamento de Wittgenstein é de tal forma significativa que ele passa de uma corrente à outra, que lhe era oposta: como autor do TLP, fez parte da “semântica clássica”; como autor das IF, se aproximou de um viés pragmático, posteriormente enquadrado na “filosofia da linguagem ordinária”. Nas IF, ele abandona a necessidade de correspondência e de critério lógico para compreender a linguagem como *práxis* humana. Assim, sua investigação se direciona para consideração do funcionamento da linguagem em seu modo inexato, comum e social. Nesse contexto, a busca por uma linguagem perfeitamente clara e elucidativa dá lugar à análise do uso da linguagem no cotidiano.

A lógica investiga, assim, a essência de todas as coisas. Pretende ver as coisas até pelo fundo e não se deve ocupar com isto ou aquilo da ocorrência factual. - Não surge de um interesse pelos factos ocorridos na natureza, nem de uma necessidade de apreender conexões causais, mas de uma aspiração a compreender o fundamento, ou a essência de tudo o que é dado na experiência. Mas não como se para isso tivéssemos que descobrir novos factos: para a nossa investigação é muito mais essencial não querer aprender com ela nada de *novum*. O que queremos *compreender* está já aberto diante dos nossos olhos. Em certo sentido é *isso* o que parecemos não compreender (Wittgenstein, 2002b, p. 247).

Nas IF, a filosofia é considerada uma reflexão gramatical que busca resolver os problemas filosóficos criados tradicionalmente. Todavia, esta resolução não consiste em responder a tais problemas e sim em evidenciar que a maior parte deles sequer é um problema. Aos problemas gerados por uma má compreensão da gramática, a resolução dar-se-ia através de uma terapia da linguagem, na qual o conhecimento filosófico consistiria em um método capaz de destruir labirintos, ou seja, confusões da linguagem.

Quando os filósofos usam a palavra - "saber", "ser", "objeto", "eu", "proposição", "nome" - e procuram captar a essência da coisa, devemos sempre perguntar: na linguagem onde vive, esta palavra é de facto sempre assim usada? Nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico ao seu emprego cotidiano (Wittgenstein, 2002b, p. 259).

Na primeira fase de seu pensamento o autor, utilizando-se da formalidade lógica, objetivou a identificação de elementos estruturais unívocos. Procurou identificar a perfeita forma estrutural da linguagem para a garantia de uma comunicação adequada. Pode-se dizer, portanto, que tal concepção confia na precisão e no caráter fundamentalmente unívoco da linguagem. Por outro lado, na segunda fase, a análise da linguagem ganha um leque de possibilidades, adquirindo um caráter indissociável da prática na qual ela se insere. Destituída da limitação de somente indicar estados de coisas, a linguagem ganha sentido nas formas de uso: "Para uma *grande* classe de casos - embora não para todos - do emprego da palavra «sentido» pode dar-se a seguinte explicação: o sentido de uma palavra é o seu uso na linguagem" (Wittgenstein, 2002b, p. 207).

A estrutura formal lógica, defendida no TLP, se situa de forma metafísica em relação à estrutura do mundo que, nesta acepção, possui a mesma natureza metafísica. As convenções que sustentam a existência destas estruturas as mantêm em um campo puramente abstrato, ou seja, distante da experiência na qual a linguagem acontece de fato como uma atividade humana. "Se não posso estabelecer a priori as proposições elementares então querer estabelecê-las conduz necessariamente a um absurdo manifesto" (Wittgenstein, 2002a, p. 114). Este caráter prévio da lógica evidencia o distanciamento da *práxis* que Wittgenstein rejeita na segunda fase de seu pensamento juntamente com a ideia de uma linguagem logicamente perfeita e, por isso, capaz de garantir a compreensão do mundo objetivamente. O autor leva, nas IF, suas observações para o campo prático onde a linguagem opera, considerando que compreender a linguagem apenas como a totalidade das proposições declarativas possíveis é um ato de reducionismo, ou seja, é destituir a linguagem da complexidade inerente a atividade de falar uma língua.

Estamos debaixo da ilusão de que o peculiar, o profundo, o essencial da nossa investigação, reside no facto de ela tentar captar a essência do incomparável da linguagem, isto é, a ordem que relaciona entre si os conceitos de proposição, palavra, inferência, verdade, experiência, etc. (Wittgenstein, 2002b, p. 252).

Logo, a mudança de "proposição" para "uso" permite compreender que não há espaço para definições unívocas baseadas em ideais essencialistas. A determinação lógica da proposição

estava posta no fundamento da linguagem, todavia, como Wittgenstein expõe nas IF, a teoria do TLP induz à ilusão: “A ideia assenta sobre o nariz como um par de óculos e o que vemos, vemos através deles. Não nos ocorre tirá-los” (Wittgenstein, 2002b, p. 254). Temos então um direcionamento para a consideração pelos usos da linguagem uma vez que tal consideração repousa na saída do reducionismo onde as possibilidades da linguagem são restritas.

Nas páginas que abrem as IF, Wittgenstein apresenta a noção de linguagem na perspectiva Agostiniana. Agostinho descreve, em suas *Confissões*, a linguagem como representação de objetos e a origem de tal associação. Segundo ele, a origem estaria no modo como as crianças aprendem as palavras, ligando cada nome a um objeto. Por meio de repetições diversas, tal ligação era estabelecida e, posteriormente, sons, palavras e objetos, tornavam-se a base de um sistema de comunicação. A linguagem descrita por Agostinho tem como fundamento a concepção de linguagem que foi predominante no ocidente e serve como exemplo do reducionismo adotado na filosofia tradicional. O principal problema deste modelo de linguagem consiste em seu pressuposto: a ideia de significado atribuído às palavras. Tal significado está sempre associado em relação a uma abstração, que é o nome, e a algo concreto, um objeto: “A ilusão particular, aqui referida, vêm juntar-se outras, de muitos outros lados. O pensamento, a linguagem, aparecem-nos como sendo um correlato único, uma imagem do mundo” (Wittgenstein, 2002b, p. 251).

Dada a afirmação “nomes designam objetos”, alguém pode perguntar: como isso ocorre? O que garante que diante do som identificado como a palavra “mesa”, por exemplo, fique claro a que tipo específico de objeto esse som se refere? Dada a existência de uma variedade de mesas diferentes presentes no mundo, o que impede uma série de questionamentos sobre os detalhes do objeto referido? Ou ainda, poder-se-ia perguntar: a mesa é pequena? Ora, a palavra “pequena” é utilizada na linguagem de formas distintas. Diante de uma grande sala, composta por armários de grande porte, a mesa pode ser considerada pequena; entretanto, em uma sala com medidas reduzidas e com muitos objetos estocados, tal mesa poderia ser considerada grande. Teríamos diante deste exemplo um ponto de partida para compreender o que Wittgenstein chamou de “jogos de linguagem”. É importante ressaltar que não existe “O jogo de linguagem”, e sim uma multiplicidade de jogos.

Quem perde de vista a multiplicidade dos jogos de linguagem está inclinado a fazer perguntas como: o que é uma pergunta? - É a constatação de que eu não sei isto e aquilo ou é a constatação de que eu desejo que a outra pessoa me diga...? Ou é uma descrição do meu estado de espírito de incerteza? E é o grito “Socorro!” também é uma descrição? Pensa na multiplicidade de coisas a que se chama “descrição”: a descrição da posição de um corpo através de suas coordenadas; a descrição de uma expressão facial (Wittgenstein, 2002b, p. 191).

O cerne das questões apresentadas é a consideração acerca da multiplicidade dos usos da linguagem que, por sua vez, acontecem em diversas ocasiões distintas e têm aqui a função de aludir a tipos diversos de jogos de linguagem. A linguagem inclui muitos outros usos além de designar objetos. No TLP, a análise da linguagem consiste na decomposição da proposição, que é complexa, em suas partes, que são simples. Wittgenstein salienta, nas IF, que atentar para características do objeto e seus respectivos nomes simples utilizando-se de um método de decomposição é insuficiente para uma análise da linguagem que pretende evitar equívocos: “Como se pensasse: quem só tem a forma não-analisada, falta-lhe a análise; mas quem conhece a forma analisada, tem assim tudo. — Mas não posso dizer que tanto nesta como naquela se perde em nós um aspecto da questão?” (Wittgenstein, 2002b, p. 226-227). Sendo assim, proferir a proposição “o lápis está sobre mesa”, identificar o objeto e considerar o que neles há de essencial, ou seja, que partes os constituem como “mesa” e como “lápis”, necessariamente não exclui a

possibilidade de mal-entendidos acerca do significado da palavra. O sentido da linguagem seria, portanto, funcional e contextual.

Para Wittgenstein, a concepção tradicional de linguagem, ao conceber o conhecimento como um processo diferenciado em um campo não-linguístico mantém-se sob a noção de regras preestabelecidas e constituídas com uma forma predeterminada. Na lógica, o significado pretendia ser unívoco e, assim como o conhecimento dependia da apreensão da essência, a ideia de significado foi colocada na noção de definição. Quando Wittgenstein relaciona no TLP os limites da linguagem com os limites do mundo, refere-se também ao termo “meu mundo”, ou seja, trata da ideia de sujeito que tem o limite de seu mundo identificado nos limites de sua linguagem. Ao considerar expressamente os termos “eu” e “meu” na extensão do limite, o autor se depara com o “solipsismo” e suas implicações. “O que o solipsismo quer dizer é correto, mas não se pode dizer: revela-se a si próprio. Que o mundo é o meu mundo revela-se no facto de os limites da linguagem (linguagem que apenas eu compreendo) significarem os limites do meu mundo” (Wittgenstein, 2002a, p. 115).

Esse tipo de concepção problemática da linguagem é objeto da crítica apresentada nas IF, quando salienta que a confusão reside na crença de que a comunicação se dá devido à intencionalidade do interlocutor, que aparece como advinda de um sujeito na perspectiva psicológica. Wittgenstein propõe uma inversão desta concepção que se realizaria ao compreender que o significado da palavra é dado no uso, o que contraria qualquer autonomia de significação. Ele pressupõe um vínculo entre a palavra e o contexto no qual ela é utilizada, por que o uso das palavras ocorre na prática e a prática implica em um contexto. Porém, como constatar se a inserção nesta atividade, que Wittgenstein também chama de *forma de vida*, possibilita a comunicação? A resposta se encontra nas IF: sabe-se que alguém compreendeu determinada coisa, como o significado de uma palavra, quando se observa o uso. Assim, a compreensão é percebida no comportamento linguístico do outro.

2.2 A proposta das Investigações Filosóficas e a tarefa da filosofia

No TLP a interação entre locutor e interlocutor previa o conhecimento da gramática estabelecida na língua, para que então possam comunicar-se. Confiar neste sistema é semelhante a supor que basta fornecer a um indivíduo um dicionário ilustrado, para que ele saiba usar corretamente a linguagem. Nesse sentido os jogos de linguagem são exemplares ao mostrar como a definição de um conceito não assegura a compreensão. É necessário, antes, olhar para a sua aplicação real, efetiva, ou seja, não é possível apreender o significado de antemão. Para as IF, só é possível tratar de conceitos considerando que eles possuem delimitações incertas e disformes. Os jogos de linguagem são um exemplo de flexibilidade para operar no uso real da linguagem e, assim, funcionam como um recurso estratégico que vai de encontro às definições. Existem múltiplos jogos de linguagem. Aos modos de uso cotidiano da linguagem em geral, a linguagem chamada primitiva e ao todo representado pelo entrelaçamento das atividades linguísticas, chama-se jogos de linguagem. Portanto, além de funcionar como exemplo de conceito sem fronteira nítida, o jogo de linguagem é usado como exemplo de atividade entrelaçada aos usos possíveis da linguagem. Este entrelaçamento é um desenho que une fatores, outrora categoricamente separados pela dualidade metafísica tradicional.

O jogo se constitui, entre outras possibilidades, de asserções, perguntas e ordens. Todavia, a flexibilidade inerente às regras do jogo atenta para o uso real do que se chama asserções, perguntas e ordens. Os jogos de linguagem, em sua multiplicidade, abarcam incontáveis espécies de aplicação das palavras e, por isso mesmo, se o que é dito tem a forma de uma pergunta, nada impede que funcione como ordem na *práxis* da linguagem. Além disso, Wittgenstein assinala que

esta multiplicidade não é fixa, dada de uma vez por todas, é muito mais um aspecto do movimento inerente ao jogo. A linguagem é então compreendida como uma atividade que se modifica, que surge de outras maneiras ao longo do tempo em conexão com os fatores históricos e culturais.

Para obter definições é necessário captar a essência. Todavia, segundo Wittgenstein, essência alguma existe, de modo que é impossível operar com definições. Porém, o que resta quando não é possível operar com definições? Segundo o autor da IF, o uso de exemplos é uma alternativa plausível, produtiva e positiva, inclusive porque através de exemplos é possível perceber as semelhanças de família: “Considera, por exemplo, os processos aos quais chamamos “jogos”. Quero com isto dizer os jogos de tabuleiro, os jogos de cartas, os jogos de bola, os jogos de combate, etc. O que é que é comum a todos eles?” (Wittgenstein, 2002b, p. 227). É por meio da visualização desses vários exemplos de jogos, que se percebem os traços que se entrecruzam formando uma “corda” que contém todos os jogos.

Os jogos de linguagem são permeados por regras estabelecidas no decorrer do jogo e, nesse sentido, os significados são provisórios. As regras podem variar e a identificação de como ocorrem se dá basicamente por observação e reação, tentativa e erro. E isso ocorre igualmente na prática de atividades humanas: “É esta prisão nas nossas regras que queremos compreender, isto é, ter dela uma visão panorâmica” (Wittgenstein, 2002b, p. 262). Por isso, a recorrente importância dada a visualização da gramática em seu funcionamento.

Quando se refere aos jogos de linguagem, Wittgenstein utiliza a expressão “formas de vida”. Os jogos de linguagem fazem parte de uma forma de vida; a forma de vida funciona como um pano de fundo contextual que abarca inclusive aspectos não linguísticos como a história e a cultura, paralelos à ocorrência de jogos de linguagem. Sendo assim, a noção de forma de vida parece indicar um conjunto de atividades comuns nas quais a multiplicidade de jogos se insere, “a expressão *jogo* de linguagem deve aqui realçar o facto de que falar uma língua é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (Wittgenstein, 2002b, p. 189).

Os jogos de linguagem possuem aspectos que envolvem práticas de ensino e aprendizagem, à medida que o significado é aprendido no uso que se faz da linguagem nos diferentes jogos. Enquanto exemplos, os jogos permitem a construção de ficções alusivas ao que é descrito. Como atividade humana, os jogos de linguagem abrangem os aspectos anteriores, visto que são possibilidades de uso prático e permeiam a heterogeneidade da linguagem. É nesse sentido que a analogia entre jogo e linguagem participa da complexidade das atividades linguísticas, sendo, por conseguinte, considerado parte das formas de vida, acompanhando inclusive o surgimento de novas configurações.

Os nossos simples e claros jogos de linguagem não são estudos preliminares para uma regulamentação futura da linguagem — como se fossem uma primeira aproximação, sem ter em conta o atrito e a resistência do ar. Os jogos de linguagem são muito mais objetos de comparação, que por semelhança e dissemelhança irão esclarecer os factos da nossa linguagem (Wittgenstein, 2002b, p. 264).

Antes fora suficiente que houvesse concordância entre proposição e estado de coisas subsistente; posteriormente, torna-se igualmente suficiente que ocorra tal concordância entre o uso inserido em um jogo de linguagem e a forma de vida. “Isto parece abolir a lógica, mas de facto não o faz. - Uma coisa é obter e comunicar resultados de medidas efetuadas. Mas aquilo a que chamo «medir» é também determinado por certa constância dos resultados obtidos” (Wittgenstein, 2002b, p. 335). Medir, comunicar e observar a constância de resultados é mais um jogo de linguagem.

3. A filosofia diante da crítica da linguagem

Ao adotar regras básicas para alcançar o conhecimento verdadeiro, os filósofos só aumentaram o abismo entre os questionamentos e o que há de essencial. Para o autor das IF, esse movimento inerente à filosofia tradicional é um exemplo de como os ideais ofuscam a visão das coisas e aprisionam a compreensão em regras intermediárias, o que permite considerar que “Poder-se-ia também chamar Filosofia a tudo o que é possível antes de todas as novas descobertas e invenções” (Wittgenstein, 2002b, p. 263). A crítica realizada por Wittgenstein à filosofia é também uma crítica à necessidade indispensável de constatar o invariável, a natureza das coisas e o que de mais exato há, através de um distanciamento inescrupuloso da realidade, onde se encontra o objeto de estudo, ou o motivo do questionamento.

Quanto mais exatamente consideramos a linguagem real, mais forte se torna o conflito entre ela e a nossa exigência. (A pureza cristalina da Lógica não se me *revelou na experiência*, era antes uma exigência). O conflito torna-se insuportável; a exigência corre o risco de se tornar vazia. – Aqui o gelo está polido, falta atrito, e assim, em certo sentido, as condições são ideais; mas, exatamente por isso, também não podemos andar. Nós queremos andar, por isso precisamos de *atrito*. Regressar à terra áspera! (Wittgenstein, 2002b, p. 255).

Pode-se, através de um exemplo, indicar que o vazio ao qual Wittgenstein se refere quando analisa a filosofia está na crença em uma “meta-investigação”, que pressupõe a existência de um conteúdo a ser descoberto: um menino percebe ao seu redor, em quantidade significativa, uma série de coisas diferentes dele. Assim, o menino espantado, buscando orientar-se, dirige seu olhar para as coisas, postas como ali estão. Sua primeira constatação é: As coisas se passam assim e assim. Após situar-se em relação ao que não é ele mesmo, procura entender por que as coisas se passam daquela forma. Quando o menino começa a questionar, seu pequeno corpo para imediatamente diante de tamanha perplexidade! Repentinamente, se aproxima dele outro menino e lhe pergunta sobre as coisas que ali estão. O menino, ainda inerte, pensa sobre o mundo. Formula uma explicação básica. Pensa sobre sua explicação básica. Formula um complemento. Surge outro problema. O outro lhe questiona novamente. E ambos já não observam mais o que ocorre com o mundo onde estão. Não olham para o mundo factual, criam um mundo ideal. E com o tempo, esquecem que os dados que utilizaram primariamente para tal idealização foram extraídos da experiência. Por conseguinte, ao ideal se associa algo de puro, uma vez que, sendo fruto do pensamento concatenado, representa o que deveria ser de fato a realidade. Os meninos acreditam já ver o ideal na realidade, restando apenas a tarefa de definir as regras e os métodos para adequação.

“Pensar tem que ser algo de único”. Se dizemos, e temos em mente que as coisas se passam assim e assim, então não nos detemos diante do facto – mas temos em mente que *isto e isto é assim e assim*. Este paradoxo (que de facto tem a forma de uma evidência) pode ser expresso também desta maneira: é possível *pensar* aquilo que não é o caso (Wittgenstein, 2002b, p. 251).

Ao ignorar a influência do contexto e do uso na significação das palavras, a tradição filosófica estipulou uma linha que marcou a fronteira entre prática e conhecimento verdadeiro. Sobre a prática, recaíram como possibilidade apenas algumas descrições sujeitas à temporalidade de casos particulares dos quais não advém o conhecimento do essencial. Ao objetivo da investigação do filósofo, coube o conteúdo puro e perfeito e, por isso mesmo, em um âmbito necessariamente metafísico.

Segundo Wittgenstein, a investigação que busca compreender a essência de algo como a linguagem, por exemplo, pressupõe que o que é essencial está oculto e que existe algo comum perpassando aquilo que recebe o mesmo nome. Assim, considera que encontrar a essência imutável irá resolver os problemas filosóficos de uma vez por todas. Tal investigação ganha seus fundamentos permitindo a si mesma ampliar a teoria da qual se ocupa e desenvolver conceitos e regras universais, utilizando-se de um ideal de univocidade. Antes, diz Wittgenstein, há que se olhar para os traços típicos compartilhados. A definição do conceito dá lugar para a aproximação familiar de características. Além disso, a observação dos traços típicos mostra que não há um traço invariável permeando as descrições e sim um entrecruzamento de semelhanças; logo, uma definição seria ilusória. No caso do conceito de ética, visto que é concebido em um âmbito metafísico, pode-se dizer que sequer é dotado de sentido. “Designar ainda não é um lance no jogo de linguagem — tão pouco como colocar uma peça no tabuleiro é um lance no jogo de xadrez. Poder-se-ia dizer com a designação de uma coisa ainda não se fez *nada*. Fora do jogo ela não tem *nome*” (Wittgenstein, 2002b, p. 214).

Ao estabelecer um modelo pode-se, a partir dele, dizer que todos os seus derivados levam consigo alguma característica que remete ao modelo primário: por serem derivados da mesma fonte, possuem traços comuns. É acerca de asserções como esta que Wittgenstein indica a questão: Qual a fronteira do “inessencial”? Quando não temos acesso imediato ao modelo primário, precisamos analisar de forma decompositiva aquilo que se apresenta como se, aos poucos, se destacassem partes e se observasse o que resta? Este processo é semelhante ao método de decomposição indicado como adequado no TLP. Porém, quando se examina essa suposta “característica comum”, percebe-se que ela não existe e que a única característica comum é propriamente o nome. Sendo assim, como afirmar que há algo de essencial que pode ser posto como a causa comum compartilhada?

Pensemos na vivência de ser guiado! Façamos a pergunta: em que é que consiste esta vivência, por exemplo, quando nos guiam *o caminho*? – Imagina os seguintes casos:

Tu estás num campo de jogos, com os olhos vendados, e és guiado pela mão, por uma pessoa, umas vezes para a esquerda, outras vezes para a direita; tens que estar sempre preparado para o movimento da mão dela, e tens que dar atenção para que não tropeces, se ela fizer um movimento inesperado.

Ou: Uma pessoa leva-te pela mão, com violência, para onde não queres.

Ou: numa dança és guiado pelo teu par; fazes-te tão receptivo quanto possível, para adivinhares a intenção dele e reagir à mais leve pressão.

Ou: uma pessoa leva-te a um passeio; vão a conversar; onde quer que ela vá, vais tu também.

Ou: vais ao longo de um caminho no campo, deixa-se guiar por ele.

Todas estas situações são semelhantes entre si; mas o que é que é comum a todas estas vivências? (Wittgenstein, 2002b, p. 299, 300).

Diante deste exemplo, o que sustenta a afirmação de que a expressão “ser guiado” é a mesma em todos os casos? Qual é a característica comum a todos esses casos de “ser guiado”? A noção do que significa “ser guiado” se apresenta, nos casos citados, com uma série de características que se entrecruzam, porém a característica apresentada em uma situação estará ausente em outro caso citado, mas aparecerá em outro e assim por diante, de tal modo que os usos são aparentados, sem possuir um traço comum que permeie todos os casos igualmente.

É importante ressaltar que os usos habituais da palavra “guiado” se apresentaram aqui como exemplos de seu funcionamento em contextos diferentes, independente de alguma definição, de algo que lhe seja “essencial”. Este caso é um exemplo em que, além de “inexato” se contrapor a “sem sentido”, as semelhanças entre os usos da palavra indicam como o termo é significativo enquanto é parte de um jogo de linguagem e daí decorre que “Não se pode adivinhar como é que uma palavra funciona. Tem que se *olhar* para sua aplicação e aprender a partir daí”

(Wittgenstein, 2002b, p. 376). Sendo assim, qualquer resposta às perguntas realizadas a partir do exemplo da vivência de ser guiado seria uma explicação para evitar a compreensão equivocada acerca do sentido do termo. Todavia, a explicação não garante a eliminação de todos os equívocos que se possa conceber e a tentativa acaba prostrando-se diante da impossibilidade de uma característica comum universal.

Neste cenário, o problema resultante da posição adotada ao realizar questionamentos é crucial. O problema parece consistir na suposição de que as dúvidas indicam lacunas nos fundamentos como se fosse possível conceber uma explicação ou definição unívoca de um termo de modo a abarcar todas as possibilidades de uso que a este possa ser destinado: “O ideal da exatidão não é unívoco, não sabemos como o devemos conceber, a não ser que tu próprio determines o que é que receberá este nome. Mas vai-te ser difícil fazer uma determinação destas; uma que te satisfaça” (Wittgenstein, 2002b, p. 247).

A filosofia como reflexão gramatical possibilita a consideração do funcionamento das palavras como determinantes para a significação e, ao mesmo tempo, indica o quão falho pode ser um conceito com a pretensão de significado universal. Constatar a multiplicidade de jogos de linguagem e as semelhanças entre os usos diferentes da mesma palavra reforça a crítica acerca da necessidade de se aspirar ao fundamento de tudo o que é dado na experiência. É nesse sentido que Wittgenstein mostra o caráter das IF que consiste, basicamente, em dirigir a atenção para a possibilidade dos fenômenos, de modo a afastar “Uma má compreensão que diz respeito ao uso das palavras, provocada, entre outras coisas, por certas analogias entre formas de expressão em domínios diferentes da nossa linguagem” (Wittgenstein, 2002b, p. 249).

Atentar para o modo funcional da linguagem permite observar a familiaridade que une os conceitos através de semelhanças. Os jogos de linguagem, visto que são atividades, reforçam a oposição entre essência e semelhanças de família. Mediante a indefinição de “jogos de linguagem”, os exemplos assumem destaque como indicadores do contexto, assim como uma palavra contém significados diferentes, uma vez que possui usos diversos.

E do mesmo modo, as espécies de números, por exemplo, constituem uma família. Porque chamamos a uma coisa “número”? Um pouco porque tem um parentesco direto com muitas coisas a que até agora se chamou número; e com isso, poder-se-ia dizer, entrar num parentesco indireto com outras coisas a que damos o mesmo nome. E alargamos o nosso conceito de número do mesmo modo que, ao fiarmos uma corda, cruzamos uma fibra sobre a outra. E a robustez da corda não está em haver uma fibra que percorre a todo o comprimento, mas em que muitas fibras se sobrepõem umas às outras (Wittgenstein, 2002b, p. 229).

Desse modo, movendo-se em direção oposta à filosofia tradicional, Wittgenstein se contrapõe a ideia de essencialismo, criticando as teorias fundadas sob esta estrutura. Ao contrastar, nas IF, a noção de semelhanças de família e essência, Wittgenstein denuncia as ilusões geradas por uma má compreensão do uso real da linguagem.

4. Conclusão

O objetivo desta pesquisa foi verificar em que medida o conceito de “semelhanças de família”, proposto pelas IF, contribui para a análise realizada pela vertente analítica da linguagem, acerca da ausência de sentido de grande parte dos problemas da filosofia e quais as consequências da destituição do conceito de “essência”, como proposto nas IF, e sua substituição pelas “semelhanças de família”, para os fundamentos da filosofia. Viu-se que o objetivo tradicionalmente atrelado ao estudo filosófico se instaurou pautado em alguns princípios determinantes, entre eles na apreensão da essência como algo indispensável na busca pela

verdade. A definição como principal recurso foi utilizada para informar a verdade desvelada e, por conseguinte, o conhecimento essencial das causas primeiras. Os pressupostos se basearam na crença em padrões de unidade e perfeição, idealmente concebidos e situados metafisicamente. À postulação de um conteúdo essencial e subjacente seguiu-se o distanciamento da realidade factual. Assim, partindo de concatenações e dados essenciais, o processo de conhecimento ocorria em um âmbito puramente abstrato. Com tal valor atribuído ao pensamento e à intencionalidade, a experiência foi concebida como fonte de dados menos relevantes, pois dela não advinham verdades eternas.

Neste contexto, à linguagem coube apenas a adequação convencionada de regras, que, situadas em um parâmetro ideal, regulamentaram a forma correta para transmitir o conhecimento sem equívocos. Pode-se dizer que tais princípios motivaram e direcionaram a investigação filosófica durante séculos. A filosofia da linguagem, primeiramente em pesquisas de cunho analítico e lógico, e posteriormente considerando a linguagem do cotidiano, ressalta o caráter problemático do sistema filosófico tradicional. Os problemas são indicados como resultantes de um uso inadequado da linguagem.

Embora tenha se oposto à tradição criticando a metafísica, a filosofia da linguagem em seu aspecto analítico reforçou o papel da linguagem como ferramenta, assim como a restringiu nas regras do simbolismo lógico. Sob o pretexto de criar um método de adequação para a correspondência entre linguagem e mundo, a corrente lógica enfatizou a necessidade de uma linguagem clara e objetiva. Neste aspecto, a análise da linguagem se estabeleceu como uma solução para ambiguidades, porém ainda considerando a linguagem como fonte de inúmeras confusões e, por isso, carente de rigorosa adequação. Nesse sentido, Wittgenstein, no TLP, utilizando-se dos critérios lógicos, aprimora a linguagem natural problemática a um nível em que pode afigurar o mundo. Como consequência deste aprimoramento é traçado um limite que consiste em indicar os limites da linguagem. Sendo assim, o que é passível de expressão o é claramente, pois o sentido da linguagem se mostra.

Ora, se no TLP o autor desenvolve a clarificação da linguagem partindo de um ideal de perfeição sustentado pela estrutura essencial e subjacente, enfatizando a primazia de um método simbólico específico e restrito em suas conformidades, então se pode dizer que Wittgenstein, nesta obra, apresenta o ápice da tradição filosófica; nas IF, o autor critica a si mesmo neste sentido. As IF são expressamente contrapostas ao ideal de unidade e exatidão outrora propostos pelo TLP. Ao mesmo tempo, o caráter crítico das IF ressalta a problemática em torno da linguagem concebida como mera forma representativa. A investigação sobre a linguagem toma assim um rumo contrário, que remonta a linguagem de seu uso metafísico ao seu uso cotidiano. Os questionamentos sobre os limites designativos impostos à linguagem remetem à relação estreita entre linguagem e *práxis* humana, manifestando o contrassenso do abismo criado tradicionalmente entre o ideal e o real. A linguagem existe no uso real, no uso imperfeito e múltiplo. Assim, com a expressão “jogos de linguagem”, a noção de “semelhanças de família” e o uso recorrente de exemplos, Wittgenstein amplia a dimensão da linguagem.

Ao se contrapor ao ideal de exatidão e universalidade, Wittgenstein desestrutura, por tabela, os aparentemente sólidos fundamentos da filosofia. Para a filosofia, caberia então se ater a uma espécie de terapia da linguagem para identificar que grande parte de seus problemas sequer são problemas. Neste viés, o problema está em restringir o sentido da linguagem a uma única possibilidade e em erigir problemas que se propõem a encontrar uma verdade única, a essência fundamental, a perfeita correspondência, o conceito universalmente válido etc. Segundo as IF, a “designação” é apenas uma das funções da linguagem e não a única, nem a principal.

As semelhanças de família são fruto de uma tentativa de visão panorâmica do funcionamento da linguagem. Observar o entrecruzamento das características nos jogos de linguagem permite visualizar que o que permite às palavras denominar algo sob um mesmo

nome, não é um traço comum essencial. Neste sentido, as definições fundamentais recorrentemente estabelecidas na tradição filosófica, são situadas como uma ilusão. Sendo assim, destitui-se o papel atribuído à essência como algo fundamental e determinante de significados e os usos que se faz de uma palavra são concebidos como aparentados.

Os exemplos assumem, neste contexto, grande importância, pois, utilizando-se deles, é possível indicar o contexto de significação. Portanto, para apreender o significado é desnecessário se apropriar da definição do que algo é. Não só desnecessário, mas impossível tendo em vista que essências não existem. Segundo Wittgenstein, é preciso olhar para a aplicação e aprender a partir daí. Isso não impede que, para determinados fins, se adote uma ou outra significação, o problema está em sustentar que o significado é a única possibilidade em qualquer contexto. O que torna o conhecimento sólido, neste caso, é a união entrelaçada de diversos fatores, que se aproximam por semelhanças de conjunto e pormenor.

Com isso, o presente estudo não tem a pretensão de responder de forma definitiva à problemática que o norteou, mas apenas se mostra como uma das possibilidades de consideração acerca do tema tratado. A relevância de tal percurso parece estar de forma especial na ênfase dada à expressão “semelhanças de família”. Tal expressão gerou consequências profundas, irreversíveis e ainda incalculáveis em grande parte da história da filosofia, mas que, em geral, não recebeu grandes comentários ou considerações ao longo do século XX e início do século XXI.

Referências

- HEBECHE, L. A. Não pense, veja! Sobre a noção de semelhanças de família em Wittgenstein. *Veritas*, v. 48, n. 1, p. 31-58, 2003.
- GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução de Helena Martins; revisão técnica de Luis Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MARCONDES, Danilo. Duas concepções de análise no desenvolvimento da filosofia analítica. In: CARVALHO, Maria Cecília (Org.). *Paradigmas filosóficos da atualidade*. Campinas: Papirus, 1989. p. 11-38.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução de M. S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. (2002b)
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado lógico-filosófico*. Tradução de M. S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. (2002a)